



# CONHECENDO INICIATIVAS DE AGROECOLOGIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

---

REPAM-Brasil

2022

# UM OLHAR PARA ESSE DOCUMENTO

---

1. O CONTEXTO
2. A PESQUISA
3. INICIATIVAS
4. METODOLOGIA
5. ECONOMIA DA DÁDIVA
6. ECONOMIA PARA ENFRENTAR AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS
7. ECONOMIA PARA SUPERAR VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E GERAÇÃO



# 1. O CONTEXTO

Nos últimos anos, os índices de desmatamento e queimadas na Amazônia brasileira aumentaram a níveis absurdos. Dados do Sistema de Alerta de Desmatamento (SAD), mostram que de agosto de 2021 a julho de 2022 foram derrubados mais de 10 mil KM<sup>2</sup> de floresta. Essa área equivale a sete vezes o tamanho da cidade de São Paulo.



# O AVANÇO DO GARIMPO, DA MINERAÇÃO E DO AGRONEGÓCIO

---

O desmonte dos órgãos de controle e o avanço de investidas mercadológicas sobre a Amazônia estão desvelando, para o restante do Brasil, cenários já conhecidos pelas comunidades tradicionais da Amazônia: a contaminação dos rios com metais pesados, a contaminação da terra com o uso abusivo de agrotóxicos, a abertura de grandes áreas desmatadas para o garimpo ilegal e a expulsão de povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas de áreas onde os garimpeiros invadem.

# TERRAS PARA QUEM?

A grilagem de terras é um dos principais conflitos que enfrentam os povos e comunidades tradicionais da Amazônia. Um estudo do Instituto Socioambiental (ISA), aponta que entre 2018 e 2020 os casos de roubo de terras públicas no bioma amazônico aumentaram 274%. Esse aumento se deve, de acordo com o estudo, para as recompensas criadas pelas atuais políticas que beneficia ou perdoa crimes cometidos pelos grileiros.

Vale ressaltar que a grilagem de terras está estreitamente vinculada às áreas com maior índice de desmatamento.

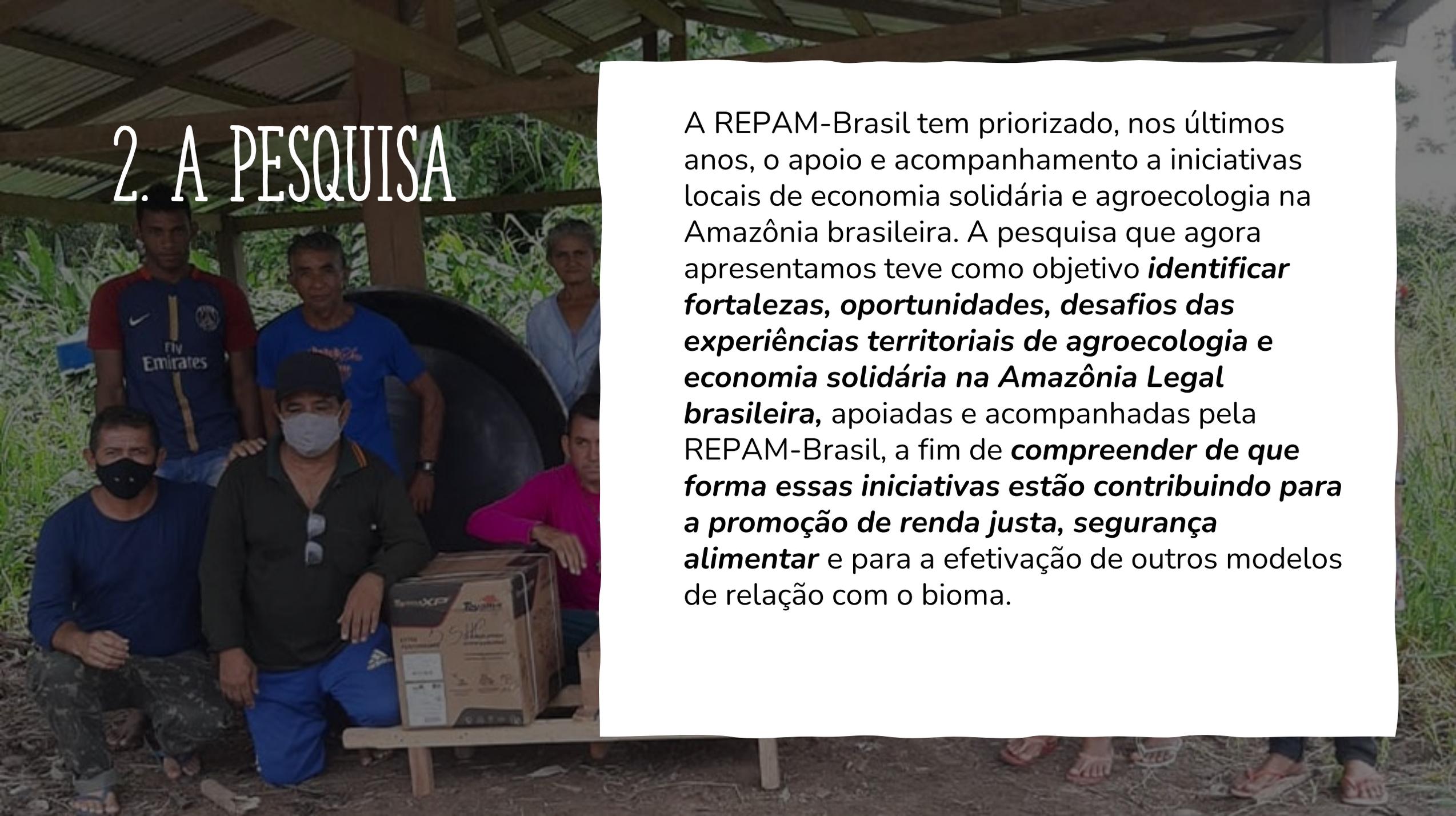
# CONFLITOS

De acordo com dados publicados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), somente em 2021 a Amazônia foi a arena de 52% dos conflitos por terra no Brasil. O maior número de assassinatos em conflitos agrários também aconteceu no bioma amazônico, com um total de 28 crimes. O maior número de vítimas por conflitos está entre os indígenas Yanonamis. Das 109 vidas perdidas, 101 eram dos nossos irmãos e irmãs desse povo que tem suas terras no Estado de Roraima.

Segundo a CPT, a Amazônia responde por:

- 65% das ameaças de expulsão
- 63% das contaminações por agrotóxico
- 78% dos desmatamentos ilegais
- 88% das expulsões
- 82% das grilagens
- 83% das invasões

## 2. A PESQUISA



A REPAM-Brasil tem priorizado, nos últimos anos, o apoio e acompanhamento a iniciativas locais de economia solidária e agroecologia na Amazônia brasileira. A pesquisa que agora apresentamos teve como objetivo **identificar fortalezas, oportunidades, desafios das experiências territoriais de agroecologia e economia solidária na Amazônia Legal brasileira**, apoiadas e acompanhadas pela REPAM-Brasil, a fim de **compreender de que forma essas iniciativas estão contribuindo para a promoção de renda justa, segurança alimentar** e para a efetivação de outros modelos de relação com o bioma.

# OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar e analisar, à luz de leituras socioantropológicas, boas práticas de cuidado com o bioma amazônico, em vista da promoção de justiça socioeconômica;

Analisar de que forma os diferentes sujeitos (mulheres, jovens, comunidades tradicionais e pessoas vivendo nas cidades) estão constituindo experiências concretas alternativas

Dar visibilidade às vozes de lideranças e participantes das experiências para que possam relatar suas percepções acerca da Amazônia, da agroecologia, economia solidária e justiça socioambiental;

Indicar possibilidades para atuação da REPAM-Brasil, a fim de fortalecer o trabalho direto junto às comunidades da Amazônia, na ampliação das capacidades institucionais para promover ações de justiça socioambiental

# 3. INICIATIVAS PESQUISADAS

---



# MULHERES

---

**Inclusão Produtiva - Empreendimento de Economia Solidária**

Cidade: Miracema

Estado: Tocantins

**Mulheres Guardiãs de Sementes Proporcionar melhores condições estruturais para a produção coletiva e comercialização do azeite de coco babaçu.**

Cidade: Brejo

Estado: Maranhão

# JUVENTUDES

---

**Horticultura Orgânica e Galinheiro Móvel - Aumentar a resiliência e capacidade de produção de alimentos por famílias camponesas**

Cidade: Açailândia

Estado: Maranhão

# COMUNIDADES TRADICIONAIS

**Segurança Alimentar e Nutricional - Garantir a segurança alimentar com práticas saudáveis**

Cidade: Coroatá

Estado: Maranhão

**Estruturação da Feira de Produtos da Agricultura Familiar Plantando Sementes Agroecológicas na Região Araguaia.**

Cidade: Santarém

Estado: Pará

**Amigos em Ação - Fortalecer Agricultura Familiar através de Piscicultura**

Cidade: Brejo

Estado: Maranhão

**Sustentabilidade da Agricultura Familiar dentro da Realidade Amazônica**

Cidade: Altamira

Estado: Pará

# COMUNIDADES TRADICIONAIS

**Acordo de Pesca da Foz Tapauá – Proteger as populações tradicionais da pesca predatória garantindo segurança alimentar**

Cidade: Lábrea

Estado: Amazonas

**Agricultura Familiar No Rio Preto – Apoiar a retomada de agricultura familiar através do plantio e cultivo.**

Cidade: Palmas

Estado: Tocantins

**Pelo Direito a Terra e a Vida – Acompanhar os trabalhadores rurais prestando assessoria sociojurídica, formativa e político organizativa a fim de fortalecer luta por regularização fundiária dos territórios em disputa.**

Cidade: Brejo

Estado: Maranhão

# COMUNIDADES URBANAS

**Plantando sementes Agroecológicas na Região Araguaia - Implementar a horticultura como uma das principais cadeias produtivas a promover a segurança e soberania alimentar, bem como a geração de renda.**

Cidade: São Félix do Araguaia

Estado: Mato Grosso

**Hortas Familiares em Contexto Urbano**

Cidade: Porto Velho

Estado: Rondônia

A group of approximately ten people, including men, women, and children, are seated in a circle on a sandy beach. They are gathered under a large, open-sided structure with a thatched roof made of palm fronds. The people are dressed in casual, tropical attire, and many are wearing face masks. In the foreground, there is a simple wooden table and a purple wicker chair. The background shows more of the thatched structure and some tropical vegetation. The word "METODOLOGIA" is overlaid in the center of the image in a white, stylized font.

# METODOLOGIA

# GRUPOS FOCAIS

---

A pesquisa foi realizada com base em entrevistas realizadas com representantes das iniciativas territoriais. Para isso, foram aplicados questionários semiestruturados, com perguntas sobre a realidade local e as experiências do projeto/iniciativa. Foram realizados grupos focais reunindo os representantes de todas as iniciativas, que responderam individualmente **a três questões principais:**

O que celebramos em nossas iniciativas?

Quais são os desafios que permanecem mesmo com a realização da iniciativa/projeto?

Quais são os nossos sonhos para a iniciativa/projeto/comunidade?

# ANÁLISES DOCUMENTAIS

---

Além das entrevistas semiestruturadas nos grupos focais, foram analisados documentos com apresentação de resultados por parte das iniciativas/projetos, especialmente os relatórios do Setor de Projetos da REPAM-Brasil. Os relatórios apresentam dados quantitativos (número de “beneficiários”, descrição do público – mulheres, homens, indígenas), bem como o nível de alcance dos objetivos e resultados propostos.

Foram realizadas entrevistas presenciais, mediadas pelo Setor de Projetos da REPAM-Brasil, durante visitas de monitoramento realizadas no regional Nordeste V.

# ECONOMIA DA DÁDIVA

---

Ao longo de toda a pesquisa, especialmente nos testemunhos das lideranças, ficou evidente que as iniciativas de economia solidária e agroecologia apoiadas pela REPAM-Brasil contribuem para uma economia centrada na troca, no dom, na dádiva. É importante iniciar com essa descoberta de pesquisa, porque como vamos perceber, as iniciativas não são realizadas apenas com a finalidade de gerar renda, gerar lucro, mas antes de tudo para promover o bem viver, para



# DÁDIVA

---

Marcel Mauss, em seu famoso ensaio sobre a dádiva, analisa as trocas entre as sociedades polinésias, melanésias e americanas. As dádivas, como mostra o ensaio, não são apenas bens materiais, móveis e imóveis, coisas úteis. As dádivas são, ao mesmo tempo, ritos, banquetes, festas, feiras, e onde o mercado pode ser, mas não obrigatoriamente, um dos momentos.





# MULHERES, FEIRAS E A ECONOMIA DO CUIDADO

---

O trabalho cotidiano das mulheres com o trabalho das feiras é sinal de resistência e celebração. As feiras são, para as mulheres, espaço de encontro e de segurança, de confiança porque ali encontram pares (outras mulheres e outros aliados) para contribuir na sua jornada pela agroecologia, bem como para a proteção (em situações de violação dos direitos).



## PARA ALÉM DO MERCADO-DINHEIRO

A participação nas feiras se dá para a venda de produtos agroecológicos, que nem sempre quer dizer dinheiro, moeda e trocas mercantis. A ida para as feiras é um momento de celebrar a colheita, a produção, aquilo que foi construído individual ou coletivamente. As agricultoras falam de todo o processo de produção porque elas conhecem, porque são protagonistas de todo o processo. Nesse sentido, quando os consumidores chegam na feira, escutam as histórias de vida, as histórias da produção. Estabelecem-se relações além da troca mercantil, da compra-venda.



# ECONOMIA DO CUIDADO

---

É uma celebração da nossa humanidade, porque aprendemos a valorizar aquilo que é do sentimento, das relações entre as pessoas. Nas horas comunitárias, cuidar das pessoas é importante, porque o coletivo depende de pessoas saudáveis, cuidadas, amadas.

O cuidado é também pelo canteiro do outro. Se alguém não pode comparecer à horta, alguém vai irrigar, retirar as ervas daninhas. É um cuidado integral. Aqueles que não tem recursos financeiros são cuidados por quem, em determinado momento, pode contribuir com moedas para a compra de insumos, por exemplo.



# ECONOMIA DA PARTILHA

---

As experiências com as horas comunitárias são um sinal de que outra economia realmente acontece a partir e com o povo nos territórios amazônicos. É a economia do dom, a economia da dádiva. Existe uma reciprocidade, talvez como mostrou Marcel Mauss em seu famoso Ensaio sobre a Dádiva. Não é que exista uma obrigatoriedade em dar, receber e retribuir. Mas, as partilhas que acontecem no âmbito das hortas comunitárias, certamente implicam uma continuidade do círculo de trocas, de partilha, de cuidado.



# ECONOMIA COM TODOS OS SERES

---

As relações também se estabelecem com seres que não humanos, com as plantas, com as flores medicinais, os frutos. As experiências com farmácias apontam, a partir da fala das lideranças, que o trabalho com as ervas é sempre um trabalho com as novidades, com as descobertas. O novo, as surpresas é justamente valorizar o que tem na região, no território. É sempre um tempo de descoberta do que existe na flora amazônica.

Uma das prioridades do Plano Pastoral da REPAM, em toda a Pan-Amazônia, é fortalecer as capacidades das comunidades de atuarem a partir dos seus conhecimentos, dos saberes ancestrais, do acúmulo histórico de conhecimentos que elas estabelecem com as plantas, as flores, as essências, os bichos. Uma das descobertas dessa pesquisa é que a experiência com a produção de remédios a partir das árvores, das folhas, cascas e de outros recursos oferecidos pela Mãe Terra já indica que a REPAM-Brasil está fortalecendo essa prioridade.

ECONOMIA DO  
CUIDADO COM AS  
PLANTAS,  
FLORES,  
ESSÊNCIAS

# MEDICINA POPULAR AJUDA MEDICINA CONVENCIONAL

---

O uso das medicinas alternativas se tornou aliada do tratamento convencional, feito pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A cura de doenças “simples” e “complexas” se dá, hoje, pela combinação do tratamento convencional e dos remédios da farmácia viva. O trabalho com as ervas medicinais é uma forma para manter a floresta em pé, para manter a Amazônia em pé, porque são os povos amazônicos que conhecem os ritmos e o tempo das plantas, das flores e dos frutos.



# ECONOMIA QUE COMBATE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS



Celebramos a possibilidade de enfrentar concretamente às mudanças climáticas. Esse contexto não se dá somente num nível macro, fora das realidades. Reduzir a escala dessas problemáticas, ou seja, tornar perceptível para as comunidades locais é fundamental para envolver as famílias no enfrentamento aos modelos predatórios de desenvolvimento.

As iniciativas de agroecologia e economia solidária são uma resposta das comunidades para o que nós chamamos de mudanças climáticas, essa realidade que é avassaladora para as mulheres, povos da floresta e povos da cidade.

Com as experiências, as mudanças climáticas se tornam palpáveis, se tornam mais próximas, e permite que possamos mobilizar as comunidades para enfrenta-las em outras instâncias políticas, sempre ancoradas nas suas práticas de cuidado com o território.

# DO LOCAL PARA O GLOBAL

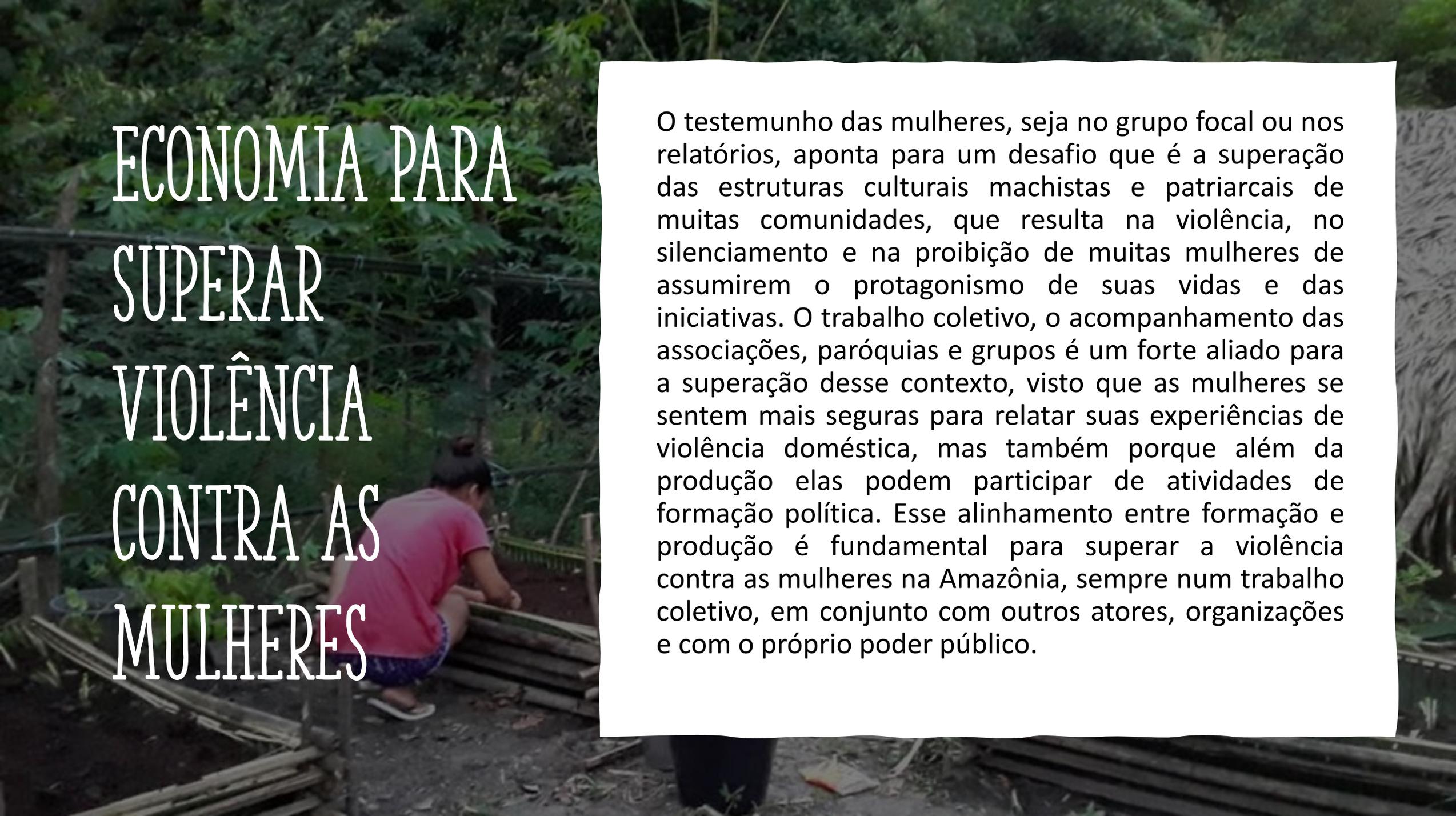
Enfrentar concretamente, localmente às mudanças climáticas na Amazônia só é possível quando as comunidades partem do local para o global. Elas precisam olhar para seus territórios e perceber como as alterações climáticas num nível macro interferem nas suas realidades.

# SEGURANÇA ALIMENTAR EM PERÍODOS DE CRISE

---

No período mais conturbado da pandemia de COVID-19, com o aumento do desemprego e a ampliação das famílias em situação de fome e insegurança alimentar na Amazônia, foi o trabalho com as hortas comunitárias, a produção de farinha e outros derivados da mandioca e a fabricação de pães que permitiu a muitas famílias não sucumbirem ainda mais na catástrofe sanitária. Isso retoma o que mencionamos no início, de uma economia que prima pela partilha e não somente pelo lucro. Uma economia que plantou e produziu para que as comunidades tivessem acesso a alimentação.



A woman in a pink shirt is working in a garden in the Amazon. She is crouching and appears to be tending to plants. The background is filled with lush green foliage. The text is overlaid on the left side of the image.

# ECONOMIA PARA SUPERAR VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

O testemunho das mulheres, seja no grupo focal ou nos relatórios, aponta para um desafio que é a superação das estruturas culturais machistas e patriarcais de muitas comunidades, que resulta na violência, no silenciamento e na proibição de muitas mulheres de assumirem o protagonismo de suas vidas e das iniciativas. O trabalho coletivo, o acompanhamento das associações, paróquias e grupos é um forte aliado para a superação desse contexto, visto que as mulheres se sentem mais seguras para relatar suas experiências de violência doméstica, mas também porque além da produção elas podem participar de atividades de formação política. Esse alinhamento entre formação e produção é fundamental para superar a violência contra as mulheres na Amazônia, sempre num trabalho coletivo, em conjunto com outros atores, organizações e com o próprio poder público.

# ECONOMIA PARA ENFRENTAR OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

---

***“A problemática ambiental e as desigualdades sociais situa as populações em situações de risco e vulnerabilidade. Pensar em populações atingidas por conflitos ambientais, é ponderar a legitimidade, posse e uso do território, bem como as formas de ocupação desses espaços. A concepção dos territórios passa pela incorporação de práticas que afirmem o lugar, por meio de múltiplas práticas constitutivas.”***

Clarissa Godinho, Elis Medrado Viana, Helen Santa Rosa e Andréa Zhouri

# ECONOMIA PARA ENFRENTAR OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS

---

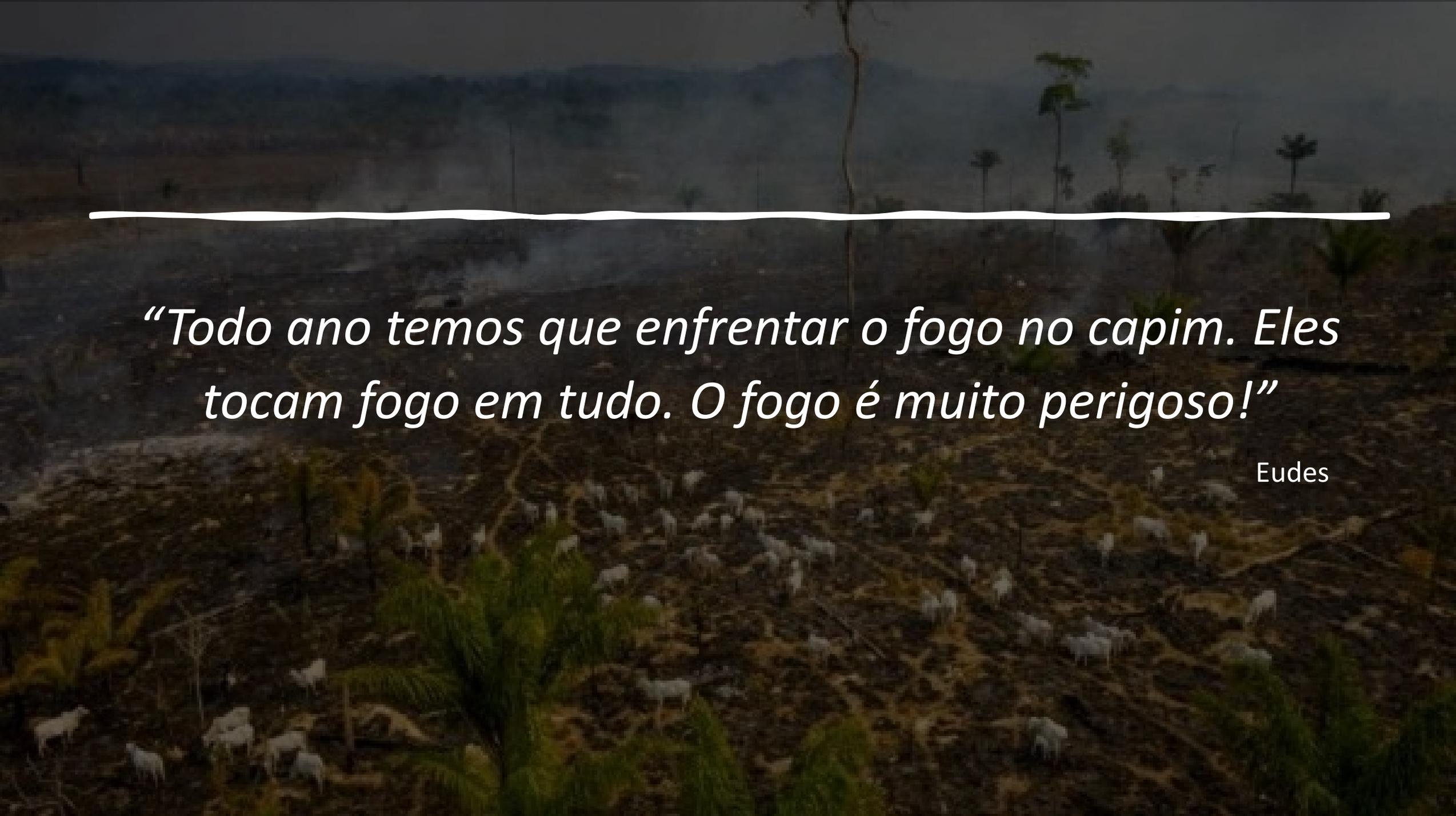
*“A defesa do lugar é uma questão social, política e ecológica pelo direito de existir. Os processos alternativos de produção, de sustentabilidade e de ordens políticas compõem o desenvolvimento sustentável que tem raízes que suportam a diversidade cultural e ecológica. O desafio é encontrar formas de transformar o potencial do lugar, o conhecimento local em poder e, conseqüentemente, estabelecer projetos e programas concretos. O caminho começa pela visibilidade das múltiplas lógicas locais de produção de cultura, de práticas ecológicas e econômicas emergentes em todo mundo frente ao domínio do capital e da modernidade.”*

Clarissa Godinho

Elis Medrado Viana

Helen Santa Rosa

Andréa Zhouri



*“Todo ano temos que enfrentar o fogo no capim. Eles tocam fogo em tudo. O fogo é muito perigoso!”*

Eudes

# TRANSFORMANDO O LUGAR COM PRÁTICAS ALTERNATIVAS

Algumas das iniciativas pesquisadas estão em áreas de graves conflitos socioambientais. Seja pelo uso da água, uso e apropriação das terras, pelo uso de agrotóxicos, expulsão de comunidades, ameaças de fazendeiros, grilagem, pelo fogo. O trabalho de organizar as comunidades atingidas pelos conflitos para produzir hortas, farinha, pão, produtos medicinais é uma afronta direta as lógicas de apropriação territorial do Estado e das empresas, bem como dos latifundiários.

Nesse sentido, as experiências não só geram renda e segurança alimentar, mas conseguem desvelar as lógicas perversas de quem ameaça as comunidades. Essas iniciativas tem se mostrado fundamentais para garantir a permanência dos povos em seus territórios.



# TRANSFORMANDO O LUGAR COM PRÁTICAS ALTERNATIVAS



A presença das comunidades tradicionais, das hortas comunitárias, das feiras livres e agroecológicas é um empecilho para o avanço do agronegócio, dos grandes projetos. Por isso, estes utilizam táticas violentas, e muitas vezes silenciosas ou mascaradas como as queimadas e a aplicação de agrotóxicos.



Táticas de compra das terras, arrendamento por preços irrisórios. As famílias empobrecidas se veem obrigadas a vender.



## ECONOMIA QUE MOVIMENTA FUNDOS

O apoio a uma iniciativa específica resultou na consolidação de um fundo solidário, que é uma forma do projeto local se manter a médio e longo prazo e de ajudar as famílias que desejam produzir/comercializar suas mercadorias. Essa foi a forma encontrada para a sustentabilidade do projeto, permitindo às comunidades acessarem recursos para fortalecer seus empreendimentos solidários, sem passar pela lógica mercantilizada, com altos juros e escravidão financeira dos bancos.